

STACK
ANNEX

5

111

045

A

0
0
0
0
8
1
0
7
8
8

UC SOUTHERN REGIONAL LIBRARY FACILITY

GALERIA ARTISTICA

N.º 3

BIOGRAPHIA

DO

ACTOR ROSA

POR

JOSÉ MARIA DE ANDRADE FERREIRA

ILLUSTRADA

COM RETRATO E FAC SIMILE



LISBOA

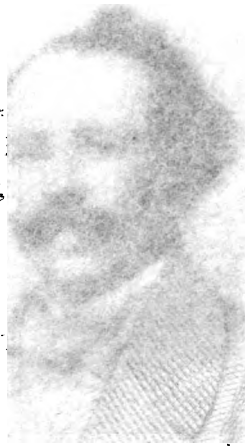
ESCRITORIO DO EDITOR

Rua Oriental do Passeio Publico, n.º 9, 1.º



João Anastácio Roza

Alencar sc.



James M. Smith

BIOGRAPHIA

DO

ACTOR ROSA

POR

JOSÉ MARIA DE ANDRADE FERREIRA

p. 39



LISBOA

TYPOGRAPHIA DE JOAQUIM GERMANO DE SOUSA NEVES
Rua do Caldeira, 6.

1859

1859

JOÃO ANASTACIO ROSA

Os tres principaes fundamentos de uma biographia são a naturalidade, a filiação e a idade. A naturalidade do actor Rosa sei eu qual é, pois que foi na villa de Redondo, terra pequena, mas esparecida e pittoresca do Alemtejo, que elle teve o berço, como se diz em phrase de elogio historico.

A sua filiação tambem não é nenhum mysterio, nem motivo ha para o haver, por que, senão foram principes ou outros potentados da terra os que lhe deram o ser, foram José Manoel da Rosa Munhós e D. Merina do Carmo.

Agora quanto á idade, ahí é que bate o ponto!... É o primeiro barranco onde tropeça esta nossa romaria. O actor Rosa não tem idade. É como o deus indiano Saubhou, cujo passado se envolve nas nuvens dos tempos, e cujo futuro o abysmam as incertezas mysteriosas das edades porvir.

O pintor francez Ingres, um dos melhores pintores historicos da França moderna, quando lhe perguntavam qual era a sua idade, tomava um ar grave, arrepiava com gesto palaciano as alvas melenas que lhe desassombravam uma fronte

espaçosa e desannuviada das tormentas da vida, dava um piparote com affectada desplícencia nas rendas dos bofes da camisa, e respondia: — que *tinha os annos que parecia...*!

Perguntando tambem um indiscreto palrador á celebre condessa D'Oeynhausén quantos annos tinha, volveu ella com serena e cortesã affabilidade: — « Oh! sou muito velha!... Ora veja, sou ainda do tempo em que se não perguntava ás senhoras que idade tinham!... »

O epigramma é digno da nossa Staël, porque envolve a finura de uma delicadeza extrema, sem que o golpe seja menos incisivo e directo.

Ponhamos pois de parte indiscrições. O actor Rosa tem a idade que tem. É esse um arcano em que não vale a pena de metter a mão profana da curiosidade. E que lbuca não é esta questão das edades! Como se fosse mister ser velho, para morrer; ou ter muitos annos, para os achaques nos roubarem a frescura e encantos da juventude! Morre-se em todas as estações da vida, e a mocidade de agora prova, por uma existencia gasta e desperdiçada nos prazeres e requintes de uma civilização libertina, que não é necessario o tempo para adelgaçar e quebrar o fio dos annos, mas que são para isso mais que poderosa causa as luctas moraes e os estragos physicos por que passa a geração presente.

Além de que, o verdadeiro artista dramatico não tem idade. Hoje, transfigurado em peralta que se entrega aos desvarios e ardores de um primeiro amor; ámanhã, velho conselheiro, com a fronte cavada das rugas que lhe gravára o pesado dedo da experiencia, o seu aspecto, os seus modos, a sua idade emfim, é a que pede a variada gradação de personagens que as exigencias de um repertorio determinam, e que o talento comico ou dramatico do actor possa desempenhar.

Vejam, por exemplo, o nosso amigo Rosa fazendo do cavalleiro e arrogante Alfageme de Santarem; vejam-no no *Primo e Relicario*, na comica e caracteristica figura de D. Taddeo; vejam-no no Romeiro do *Frei Luiz de Sousa*, ou no duque de Albuquerque, do *Rei e duque*, e digam-nos por fim quantos annos conta tão variavel creatura, verdadeiro Protêo da scena, que a não ser a falla, e as sympathias dos seus ad-

miradores que para logo o adivinham, passaria em cada noite por um novo actor; taes são os dotes de perfeita caracterisação que a platêa de D. Maria tem sempre que applaudir n'elle.

No emtanto, se por ahi ha algumas almas escrupulosas, e embirrentas que não me queiram deixar passar ávante n'este esboço biographico, sem que lhes ponha para alli mui clara e documentada a idade de João Anastacio Rosa, por entenderem em sua consciencia que uma certidão de baptismo é a mais solida pedra angular de todo o edificio biographico, dir-lhes-hei, que o nosso artista não é velho, como o julgará quem o não conheça e saiba apenas que elle se recusa tão obstinadamente a dizer o dia do seu nascimento. Quem sabe até se n'isto haverá, em vez de um capricho de artista, uma simples questão de economia?! Quem sabe se o fim é todo esquivar-se a dar um saráu ou um jantar de mais, indigesto e insípido jantar, que diz ao homem que deu mais uma volta na roda da vida, e que as venturas gosadas já, só podem desabrochar para o futuro em saudades, que enfloram quando muito a imaginação de suaves e poeticas recordações, mas recordações que nem por isso deixam de pungir menos, embora seja d'esse *delicioso pungir de acerbo espinko*, de que nos falla Almeida-Garrett?!

Mas em summa, a idade de João Anastacio Rosa? Ahi vac, mas baixinho e confidencial. O actor Rosa deve ter por ahi os seus... quarenta e cinco annos. Ha quem lhe dê mais, e tambem quem lhe faça menos; porque, na verdade, nenhuma questão de mais vaidade e lastimavel ácinte, do que esta qui-jilenta e piegas questão das edades!...

Porém, o que ha de ser a verdadeira luz, que vem lançar clarões de evidencia sobre algumas irresistiveis tendencias do nosso actor, é saber-se que seus paes o destinavam para padre ou para medico. Para padre, fôra torcer-lhe a vocação entregar um homem, cuja phantasia sorri para todas as variadas e esplendidas manifestações da arte, á meditação solitaria de um claustro, ou ás asceticas obrigações de um eremiterio. O actor Rosa foi em todo o tempo do mundo e muito do mundo; por isso ligal-o ás santas e austeras praticas do sacerdocio, seria metter n'uma estufa uma planta que nascêra para arros-

tar com os ardores do sol do estio, ou engaiolar uma ave, que só nas florestas encontra sustento, ar e espaço para os seus vôos. Ora o nosso amigo Rosa não é planta de estufa, nem ave de gaiola. Nasceu na sociedade, e vive com ella e para ella. A possuir alguma propriedade da sensitiva são os melindres do homem de brios, e ás vezes tambem as exquisitices rabugentas e irritaveis do amor-proprio artistico.

Tel-o feito pois ecclesiastico teria sido um erro palmar: havia-se perdido um bom artista, e teriamos ahi que aturar agora um padre insupportavel. Mas o que não fôra errado intento, fôra destinal-o para medico; fôra até quasi adivinhar-lhe um dos futuros segredos do seu espirito. Os paes de João Anastacio Rosa, se desejavam effectivamente que elle seguisse a carreira medica, é porque percebiam n'elle já predisposições de um revoltoso obstinado contra a medicina escolastica; é porque anteviam o futuro proselyto de Raspail, o homem das palhetas de camfora e da agua sedativa, prompto em medicastrear-se, e ainda mais prompto em receitar aos outros.

E quem nos diz a nós que Rosa não viesse a ser um facultativo notavel?! Mais audaz em lançar as primeiras linhas de um diagnostico e em determinar-lhe o eletuario, não conheço outro. O que val é que a sua medicina é inoffensiva. Não se lhe póde applicar o epigramma de Bocage:

Escapava da doença,
Se não fosse a medicina.

Se não cura, tambem não mata. Mas em todo o caso, os seus instinctos de reforma, o entôno com que se apresenta n'estas questões difficeis e insoluveis, o aspecto de authoridade e a convicção evangelisadora com que toma parte n'ellas, inculcam-no com uma propensão determinada, que, se fosse dirigida de comêço para as alturas da sciencia, daria por ahi talvez um novo Paracelso, um Mesmer, ou um Hahnemann. Seria uma calamidade de mais para a humanidade. Assim saudemos o artista, onde as evólucões da sorte o collocaram, e respeitemos os decretos do destino, visto que não os podemos explicar.

Mas podemos explical-os, porque Rosa logo dos mais ten-

ros annos patenteou decidida inclinação para as artes, e principalmente para a pintura. Esta propensão despontou n'elle com os primeiros brinquedos da infancia. Vêde-o, em quanto os rapazinhos seus companheiros traquinam, lançando aos ares correpios de estêva nas campinas que se descobrem a perder de vista nos arredores de Redondo até Evora, elle, mettido no andar superior da casa que habitam seus paes, rabiscava papéis, coloria estampas e concertava bonecos, primeiros tentames de uma habilidade que depois desenvolveu todos os indícios de uma vocação. Aos doze annos já Rosa era o faz-tudo da sua terra. Todos essas infinitas bagatellas com que as exigencias femininas cansam sempre a paciencia de uma criança habilidosa e prestadia, a tudo o nosso pequeno artista dava sahida e aviamento com a facilidade e perfeição que o traziam nas palminhas de quantos o conheciam. E que mina não era para uma villa pequena, entranhada no coração do Alentejo, um rapaz assim, que suppria, pelo seu ingenho inventivo, um complexo de officios e artes, que só nas cidades se encontraria tão de prompto e a proposito! Era mesmo *umas mãos de prata*, dizia a visinhança toda. Mas o peor, para o artista, é que, reputando-lhe as mãos de prata, este precioso metal lhe não passava para as algibeiras! Tinha-as vasiaas quasi sempre, e só o tempo cheio, e a abarrotar, de encomendas e incumbencias. Uma vez, emfim, que a consideração d'estes escassos resultados entrou mais fundo no seu espirito, resolveu-se definitivamente a fechar a loja, visto que os freguezes só lhe pagavam com esta formula banal e improductiva:—obrigado, meu pequerrucho. E não se contentou com isto: a sua resolução foi mais heroica e... ruidosa. Armado de um martello, sobe á sua officina, e olhando com raiva para todos os objectos que o rodeavam, desaba a malhar sobre tudo, que nem tres ferreiros sobre uma bigorna; depois torna-se a baixo, mui gostoso e triumphante.

—Que barulho foi esse que fizeste lá em cima, rapaz? pergunta-lhe a mãe, olhando-o espantada. Já acabaste de arranjar as tuas curiosidades?

—Já lá fica tudo arranjado.

Com effeito, tudo ficava reduzido a cacarada, e o artista

desacreditado por este novo systema de desobrigar-se para com os seus freguezes.

N'este meio tempo deu-se um caso trivial e insignificante em si, que concorreu todavia, de uma maneira indirecta, para a verdadeira direcção que tomaram depois os estudos do futuro artista. Um pobre homem, que em parte alguma que se soubesse o que fosse pintura jámais poderia passar senão por um pinta-monos, appareceu em Redondo. Fugira de Lisboa, por motivos politicos, e dirigia-se a Hespanha. Isto passava-se no começo do reinado do Sr. D. Miguel. Ou a boa hospedagem, ou outras razões, obrigaram este homem a permanecer alguns dias n'aquella villa. Comsigo levava elle uma collecção de estampas, umas colloridas outras não, que desde logo deram nos olhos d'aquella boa gente. Nem que as salas do Escorial e as galerias do Vaticano se combinassem em amigavel romagem para irem de passeio até á terra do nosso pequeno artista, se operaria no seu espirito mais completa revolução. Fazer conhecimento com o recémchegado, e não o largar mais, foi caso decidido. Ninguém mais o viu d'ahi em diante, que não fosse de estampas debaixo do braço, no moto-contínuo da residencia do forasteiro para o seu *atelier* da agua-furtada, e do seu *atelier* da agua-furtada para a residencia do forasteiro. Cada estampa que via era um enlêvo para os seus appetites de artista. E que lucta se lhe passava no intimo em quanto não lograva copial-as! Uma, principalmente, que figurava um cavallo, foi a que mais lhe aguçou os desejos.

Todas as creanças pagam um tributo de infancia, ou agarradas a um tambor de feira, n'um fadario aturdidor, a que só põem termo as reiteradas e clamorosas requisições da visinhança; ou puxando de uma linha aleijados cavallinhos de papelão, que são a nossa tentação aos quatro annos, quando os vemos enfileirados no mostrador de capellista. Rosa não tocou tambor: é preciso dizer isto, em abono do seu bom gosto philarmonico: resistiu a esta veneta bellico-musical da idade juvenil: mas não pôde esquivar-se á outra paixão da infancia. Foi a mania esquestre o seu tributo: mas, intenda-se, uma mania equestre passiva, puramente artistica, sem nenhuns desejos de ostentação á Marialva. Desejava possuir, para admi-

rar, e nada mais. Como aquellos habitantes de uma ilha de que falla Gulliver, cujo nome estrambotico a memoria não retem facilmente, Rosa nem pela mente lhe passava montar n'um cavallo. Verdade é que em Redondo não havia senão jumentos e mulos hespanhoes dos mais desasados e manhosos; e, tão garboso e alindado corsel, fôra o da estampa o primeiro que elle vira. É por isto que só tarde se sentiu arrastado por esta irresistivel tentação; e como o amor de bello já lhe fermentava na imaginação, a creança passou os primeiros annos olhando com ásko as azemolas da sua terra, e esperando que uma boa estrella lhe deparasse com um modello de raça cavallear tão gentil e garboso, para revelar o seu fraco.

Mas por uma acirrada ironia da sorte, a estampa do cavallo custava cara, e o proprietario não lh'a queria dar. Rosa, da sua parte tinha muitos desejos de a possuir, mas faltava-lhe o dinheiro. Assim tomou uma resolução heroica: esqueceu o ginete, e voltou-se para uma cabeça de Cleopatra, a famosa rainha do Egypto, e copiou-a com tal primor que foi a assombro de quantos a viram. A transição d'este gosto artistico não é muito explicavel: entre um cavallo e uma rainha, a relação, se a ha, escapa á minha perspicacia.

Rosa ainda conserva alguns trabalhos d'este tempo, guardados cuidadosamente n'uma pasta monumental, que elle abre com solemnidade, olhando em roda de si com um olhar entre desconfiado e vanglorioso. Ainda ha poucos dias vi varios d'estes desenhos: olhando-os, ri do desenhador, e admirei a creança. São, na maxima parte, assumptos allegoricos ou mythologicos, conforme o gosto do tempo. Noentanto, vislumbra ahi já a habilidade. Ha, comtudo, uma Venus, n'um carro tirada por quatro pombas, esvoaçando-lhe na frente Cupido, composição original, que nada deixa a desejar aos destemperos do genero consagrados por Cezar Rippa. O Cupido tem um pé torto, e a Venus está penteada de maneira, que parece uma judia velha. Emfim é impossivel deixar de rir a bom rir, ao ver esta pretenciosa composição, que o artista ainda hoje conserva com um certo amor de pae, mas que afinal, acossado dos motejos com que o genio critico dos seus amigos sauda a sua obra, encerra-a depressa na famosa pasta, sepultando-a com as hon-

ras de uma descarga de epigrammas que os zombeteiros observadores lhe disparam.

A este tempo já Rosa contava por ahí os seus quinze ou dezeseis annos. A inclinação que mostrava para a pintura era manifesta, e a fama dos seus desenhos havia crescido a ponto, que na terra e arredores não queriam ouvir fallar n'outra cousa. O caso que vou referir mostra as obras a que elle já se abalançava e os seus espiritos de desculpavel e nobre altivez.

N'uma das ruas da villa de Redondo havia um predio que tinha á porta uma imagem de sant'Antonio, pintada em madeira. Ainda hoje se vêem, mesmo em Lisboa, d'estas imagens de santos, em azulejo, que a devoção mal-intendida dos nossos antigos consagrava em logares publicos, expondo-os assim ás irreverencias, embora involuntarias, da plebe. O dono da referida casa era um velho exotico, portuguez dos bons tempos, de rabixo empastado de cebo de Hollanda, ampla casaca de peneiros com golla de rolo, bota de borla por cima da calça, e usando sempre de um chapeo, vasto e insondavel reservatorio onde o proprietario mettia ao mesmo tempo o seu lenço de assuar, a interminavel e complicada agenda dos negocios quotidianos, e não poucas vezes armazenava até as compras que fazia pelo dia adiante. O bom do homem era uma d'estas creaturas typos, a que hoje se chamaria um sebastianista, vendo-o marchar a passo grave, com este seu todo de Portugal-velho, diante de uma egreja e tirar o monumental chapeo, ou benzer-se, com a seriedade de um lazarista, mal soavam as ave-marias na torre da Misericordia da villa. E todavia, este personagem tinha sido um peralta no seu tempo! *Quantum mutatus ab illo!* Nos saráus e fonçanatas da terra não havia mais lepido par da gavota, nem mais donayroso e apeteçido dançador do minuette do Enviado. Graças a este desembaraço de pernas e desempêno de figura, a benevolencia popular havia-o qualificado com o cognome, nada poetico, mas expressivo e meigo, do *Perninhas*. Ora este homem, que a este tempo era a negação viva, não só do minuette e da gavota, mas até das arrastadas e meio-adormecidas contradanças de agora, na época em que o citamos occupava-se em ajudar á missa de manhã, em agencia de causas pelo dia adiante, e

em descozer o fiado da vida alheia, sentado á noite na loja do visinho boticario. A vizinhança chamava-lhe beato, talvez por que elle tinha em muita conta a imagem de sant'Antonio, que as velhas da terra devotamente reverenciavam á sua porta. Esta imagem, mesmo na sua época florescente, nunca poderia passar por obra de nenhum Raphael. Mas a fé, como o amor, é cega, e nisso reside a sua mais gloriosa virtude. Que importa que a pintura apenas imitasse, em traços rudes, o semblante alvar de um donato franciscano, com um rochunchudo e corpulento creancelho ao collo, rubro como uma romã, se a piedosa tradição da villa apregoava a santa imagem como a ineffavel expressão da beatitude evangelica?! E o senhor *Perninhas* era o primeiro d'este voto; e tinha razão para o ser, porque por debaixo do retabulo conservava elle um mealheiro, que recolhia as provas do merifico influxo do milagroso Santo sobre as boas almas d'aquella devota terra.

Mas o diabo, que ainda mesmo pintado em taboa jámais deixou de perseguir sant'Antonio, veio-se metter nesta piedosa intimidade que reinava entre o bom do procurador de causas e o thaumaturgo portuguez. E que havia de fazer? Tomou a fouce roçadoura que empunha a figura do tempo, e foi-se chegando pela parede onde estava o quadro, e cada anno, e cada mez, e cada dia atirava-lhe com ancia a fouce, e tanto raspou, tanto roçou, que a final o rosto do Santo mal se enxergava. O senhor *Perninhas* contemplava estes estragos com pesar fundo do seu coração: o Santo desvanecia-se de dia para dia, sobre a taboa enegrecida pelo tempo, como um phantasma que se escôa na escuridão. Já não havia senão a sombra do que fôra. Mais um inverno, e a invernia apagaria de todo o resto de tintas que ainda lhe accusavam alguns contornos.

Uma lembrança feliz illuminou neste comenos o nosso procurador. A fama, que na boca dos poetas é uma deusa asopradora de cem trombetas, nas villas e nas aldeas não passa de uma velha tagarella, que anda besbelhutando tudo, bom e mau. Pois foi esta mesma palradora, que uma bella noite entrou na botica, onde o nosso amigo *Perninhas* costumava matar algumas horas, e lhe disse em altos brados que o pequeno João Anastacio Rosa era um pintor por ahi além. Saber isto o

velho procurador, e correr a casa do artista, foi tudo obra de um minuto. No dia seguinte o retabulo do sant'Antonio caminhava para a officina do artista, ás costas de um labrego. Rosa havia-se incumbido da restauração do quadro.

Mas elle nunca havia pintado a oleo. Não sabia sequer preparar uma palheta. Mas não tem duvida: mette mãos á obra, e a audaciã suppre a pericia. N'um abrir e fechar de olhos, o painel foi um Oceano de tinta: era um diluvio em que o pincel andava a nado. Ao cabo de dois dias, foram sobrenadando neste mar de almagre e pós de sapatos algumas mal distinctas feições do Santo. Por fim percebeu-se que alli houvera a intenção de representar uma figura de homem cingido de habito, com uma creança ao collo. Mas Rosa ignorava os segredos do preparo das tintas, e não sabia que a mistura das fezes de ouro é que faz seccar. Em consequencia d'isto, o tempo corria, e o quadro não enxugava.

No entretanto, pelo seu lado o velho *Perninhas* ardia em ancias por ver o quadro restaurado, e toda a desculpa que lhe oppunha Rosa, não servia senão de lhe aguçar mais a curiosidade. Não podendo conter-se já, apresenta-se-lhe em casa: Rosa mostra-lhe a final o Santo; o homem embashaca:

—Como o acha?—interroga o artista, entre vanglorioso e timorato.

—Magnifico!... Portentoso!... É sant'Antonio em carne e osso, brada o velho, fóra de si de alegria. Pega rapaz, accrescenta, estirando o braço.

Lisonjeado pelo voto do amigo *Perninhas*, o pintor chega-se a pegar n'um embrulho que o procurador de causas tirara do bolso, e lhe offerecia quasi ás escondidas, como quem dá a esmola do Evangelho; isto é sem olhar para ella e occultando-a da outra mão.

Rosa pega no embrulho. A dignidade do artista mandava-lhe que mettesse logo a espórtula na algibeira, sem liquidar alli quanto lhe davam por obra tão colossal; mas a curiosidade de rapaz pôde mais, e não lhe soffreu o animo que não apalpassse. O volume nada explicava. Podia ser uma peça de sete mil e quinhentos réis, uma moeda de prata de doze vintens ou simplesmente cinco réis. O tamanho era o mesmo.

Não se conteve. Desembrulha, olha... e o que vê?

Uma de doze!...

A sua vaidade de artista sentiu-se precipitada de uma escada abaixo. Mas a ira rebentou logo. Avança, chega-se ao quadro e olha para o *Perninhas*:

— Então acha realmente bom!... hein!...

— Bom?!... está como vivo.

— E agora?... brada o indignado artista, passando com rapidez uma das mãos por cima da tinta ainda fresca, e borrando a cara ao Santo e ao Menino Jesus.

— Que fizeste, rapaz endiabrado!!!! acode o afflicto procurador, apertando as mãos na cabeça.

— Dei-lhe os ultimos toques. Agora guarde o seu dinheiro e leve o santo.

E os doze vintens foram aremossados aos pés do senhor *Perninhas*.

Esta acção, que a muitos parecerá apenas uma desforra do mau genio infantil, é já o desafôgo do verdadeiro melindre offendido. Rosa revelou o artista neste momento.

Emfim Rosa parte para Lisboa: os desejos que elle tinha eram esses; e seus paes não poderam deixar de annuir, notando-lhe de dia para dia a habilidade para as artes, o que, n'uma capital como Lisboa, podia proporcionar-lhe seguros meios de vida.

Ahi o temòs pois a caminho da capital, atirando-se aos futuros de uma existencia incerta e aventureosa.

Chegado que foi a esta cidade tratou de entrar na aula de desenho, que então era no Thesouro-Velho. Pouco tempo ahi se demorou, porque o marechal Raposo, o illustre engenheiro que dirigiu a fundição da Estatua Equestre, sympathisou com elle, e, conhecendo-lhe merito, mandou-o para a Ajuda com duzentos réis diarios, afim de praticar debaixo da direcção do celebrado pintor Taborda, que dirigia então os trabalhos naquella palacio.

Na aula do Thesouro-Velho fez Rosa alguns trabalhos que já provavam o seu adiantamento. O retrato de seu pae, feito apenas tres mezes depois de cursar a aula, é um d'estes. Não conheci seu pae, que hoje já é fallecido, mas a similhança do

retrato parece-me ser fóra de toda a duvida, pois a comprova a reproducção exacta dos lineamentos do filho, que muito se parecia com elle. Tem correcção, e uma firmeza de contorno, que não parece de certo o resultado de um tyrocinio mal dirigido, e apenas depois encaminhado com mais acerto e methodo.

Rosa tinha um dedicado protector no fallecido patriarcha Frei Francisco de S. Luiz, que era seu patricio. Foi elle que o metteu depois no Jardim Botanico da Ajuda, e que sempre mostrou empenhar-se em todas as circumstancias da sua vida. No Jardim Botanico esteve pouco tempo. Foi lá que conheceu Thomaz José d'Annuniação, hoje o distincto lente de paizagem da Academia das Bellas-Artes de Lisboa.

A guerra civil veio desviar Rosa de todas as suas tendencias artisticas, e obrigal-o a uma vida para que as disposições do seu espirito não prependeram nunca. Comtudo, Rosa chegou a ser sargento do quinto batalhão movel, o que, n'uma época de campanha, prova que os brios do homem tambem fazem soldados prestadios, embora as nossas inclinações nos affastem da carreira militar.

Terminada a triste lucta, que armou os portuguezes uns contra os outros, Rosa despiu a farda e tomou novamente o pincel. D'esta vez, porém, deu-se a fazer retratos, e tal vocação de retratista mostrou, tão rapido e quasi que improvisado era o seu trabalho, que se dissera ser antes a pericia do artista o resultado de uma machina daguerreotypica ou photographica, do que a combinação da palheta com um pincel intelligente. Rosa inundou Lisboa de retratos de todos os tamanhos e por todos os preços. Como aquelle medico toscano que tinha cura para todo o dinheiro, assim o nosso retratista não deixava ninguem sem effigie, fosse qual fosse a somma de que o freguez podesse dispôr. Neste diluvio de transumptos necessariamente havia de sobrenadar muito aborto, muito nariz torcido, muito olho arregalado, muita boca desleixada, mas tambem foi este de certo um porfiado e largo tyrocinio, que produziu mesmo então algumas obras de prestimo, e que tempos depois provou em differentes occasiões, que o talento do artista poderia chegar a manifestar-se com distincção neste genero,

se se applicasse seriamente a esse fim. Os retratos do finado actor Epifanio e da actriz Talassi, que ha bastantes annos foram publicados pela lithographia, confirmam isto, e ainda mais o confirma o retrato a oleo da actriz Delphina, que ella conserva, e principalmente o que Rosa fez de sua esposa em Paris, de reminiscencia e em pintura a pastel, que é um trabalho mimoso, bem collorido, de um toque delicado e cuja similitude é completa. Os visitadores da exposição da Academia das Bellas-Artes de 1856 viram e apreciaram de certo este retrato, queahi estava n'uma das salas.

Assim corriam as cousas, quando os jornaes annunciaram por este tempo que o sr. Emilio Doux dava lições de declamação. Este annuncio despertou no espirito de Rosa um desejo de experimentar se as suas disposições artisticas o levariam para o theatro. Apresentou-se effectivamente a Emilio Doux, o qual lhe deu o papel de Buridan, na *Torre de Nesle*, para estudar. Rosa estudou-o, e com tanta intimativa o recitou diante do antigo director da Rua dos Condes, que este lhe fez no mesmo instante uma proposta de escriptura. O theatro. tanto pela renovação litteraria que então se operava, o que estimulava os animos, como pelos progressos que as diligencias e inquestionavel tacto de Emilio Doux conseguiram dos actores portuguezes, offerecia então mais do que nunca os seus encantos. Era uma restauração que se effectuava, e, com essa restauração, era uma classe que a illustração da arte nobilitava. Toda esta revolução se debatia no espirito de Rosa, com as seducções e incentivos que ella apresentava. O seu desejo fôra desde logo acceitar a proposta do Emilio Doux; mas a consideração do que pensaria seu pae, e sobretudo o patriarcha Frei Francisco, que talvez não accolhessem com tão boa sombra a rehabilitação moral, que, com os aperfeiçoamentos scenicos, se havia trazido ao nome do artista dramatico, atéahi appellidado na nossa terra com desprezo e desdem com o epitheto generico e rebaixado de *comico*; esta consideração tolhia-o. Afinal resolveu-se e ficou escripturado. O seu primeiro papel foi o de lord Cliton, na *Maria Tudor*; mas o seu verdadeiro *debut* deve-se reputar no *Estudante de San'Cyro*, em que fez o hespanhol Peres. Peres é um velho de porte altivo e ira-

cundo, feroz até aos instinctos sanguinarios dos prazeres da vingança, especie do Silva do *Hernani*, mas sem ter a altivez fidalga d'aquella sinistra e tremenda figura, que, no drama de Victor Hugo, personifica a fatalidade de um pacto inexoravel. Estes papeis fazia-os então o actor Dias, fallecido no Brazil, que desintelligencias theatraes haviam affastado da Rua dos Condes e o tinham levado para o Salitre. Rosa reproduziu com effeito o terrivel Peres, com tanto fogo e intensão dramatica, que deu que fallar em Lisboa. No auge do seu arrebatamento disparou até uma pistola na cara do Lisboa, que neste momento abria a bocca para fallar; este correu com os beiços chamuscados e a lingua de fóra a queixar-se a Emilio Doux. Mas Rosa não via nem ouvia. As fúrias do implacavel velho castelhano tinham-se-lhe aninhado no peito, e por onde passava era como a tempestade do deserto. Ao sair da scena, porque uma porta se lhe não abriu de par em par no mesmo instante, levou-a adiante de si. Todos os collegas olharam para elle estupefactos, e Emilio Doux gritou por misericordia, que lhe deitavam o theatro a terra.

Assim se passou a estreia de Rosa, que foi, como se vê, uma especie de vendaval para o palco da Rua dos Condes. Por desgraça as disposições de *tyranno*, no nosso artista, combinavam-se plenamente com as tendencias da litteratura dramatica de então, que se deleitava em criar facinoras e atrocidades, e que não conhecia já senão a Torre de Nesle, a torre de Londres e a Bastilha, esses terrificos e monumentaes laboratorios de punhaes e venenos historicos, para dar sôltas a essa propensão fatal, que parece se dispunha a converter a missão do theatro n'uma historia, que começasse por um Caim, e fechasse em um Herodes. Essa immensa fileira de tyrannos leaes, mas rudes, que se apresentam de trabuco sobraçado, e esses outros mais civilizados que propinam veneno nos banquetes como quem offerece um calix de *lacryma christe*, tudo isto foi posto á disposição do nosso amigo Rosa, que desde logo teve de tomar o appellido de Borgia, Brienvilliers e de outras celebriedades sanguinarias, para conseguír trazer suspensas em convulsões de agonia espasmodica o publico que tanto o applaudia. O Mascara Negra, na peça do sr. Mendes Leal, do mesmo

titulo; Satanaz, no *D. João de Marana*; e Carregio, na *Adelina d'Ormilley*, de Eugenio Sue, todos estes grandes personagens, de funestissima memoria, e que tantas lagrimas fizeram derramar aos corações sensiveis d'aquelle tempo, todos Rosa desempenhou, deixando a estremecer de horror a platea. Era o melhor triumpho que se podia obter então. Sem choro nos camarotes e um faniquito nas varandas, não havia exito seguro para um actor. Era para essas organizações nervosas, para essas almas candidas, para esses espiritos de boa-fé, para esses lagrimaes francos e sinceros, que o melodrama appellava, e era sobre esses elementos de ternura e compaixão que o talento alcançava as suas mais incontestaveis glórias. Rosa, como é de presumir de um actor novo, que desejava agradar e que tinha uma tentação invencivel nos applausos do publico, esfalfava-se em estudar todos os segredos d'estas aberrações dramaticas. Levava o dia ao espelho a combinar os grandes gestos, não lhe esquecendo de graduar as vibrações tremendas com que dominaria com a voz o publico entusiasmado. Este genero, porém, cansou-o; e o artista é o proprio a rir-se hoje d'elle, e das exagerações que se viu obrigado a empregar para ir de accordo com as exigencias do gosto da época.

No *Lazaro Pastor* tentou já alguma modificação, adoptando uma maneira mais natural. No primeiro acto d'este drama ha apenas a graça de umas tres ou quatro mortes. Com este *acto-cemiterio* não havia remedio senão contemporisar, dando aos poucos personagens que escapam á carniceria os tons lugubres de tão horripilante quadro. Nos actos que se seguem os ares apparecem menos entenebrecidos: o punhal, vendo-se a descoberto das caliginosas sombras das noites de crime, esconde-se, e animos mais tranquillos ousam apresentar-se em scena. Ora foi aproveitando este ensejo bonançoso, em que por momentos deixou de se fallar em morte no palco da Rua dos Condes e de se trazer lucto pelas victimas, que o nosso actor Rosa tratou de enziar os bons preceitos da escola, que não recorre ás contorsões e gestos de possesso, para obter os melhores effeitos da arte de declamação.

E todavia, esta escola é a que mais seguidores tem contado, a que ainda predomina em Hespanha, e até em muitos

theatros de Paris. E a prova d'isto são os cumprimentos que Rosa recebeu em Madrid, quando ha tres annos passou por aquella capital, dirigindo-se a França, pela maneira porque havia interpretado alguns d'estes papeis, o que tinha feito chegar a fama de seu nome até aos nossos visinhos peninsulares.

Mas a verdade é, que este genero ia pregando com Rosa na sepultura. Uma terrivel laryngite o atacou, arruinando-lhe a trachea a ponto tal que o deixou sem falla. Era triste e dolorosa situação a do pobre actor, que, para as mais simples necessidades, se via obrigado a escrever o que queria n'uma prancha de marfim! Ainda me lembra de o ver, embuçado n'um capote, com as sombras de uma tristeza profunda que lhe vinham da alma ao rosto, solitario e mudo, vagar por essa Lisboa, sem haver consolação que lhe minorasse o seu tormento.

—Que dôres! dizia-me elle ainda ha dias.

—Porque, o Rosa tinha dôres na garganta? lhe perguntei eu.

—Na garganta?!... dôres moraes! Pois que mais me podia doer, do que vêr-me em tão triste posição?! Quando eu trepava por uma montanha acima, que não é outra cousa o comêço de uma carreira artistica, quando eu trepava com difficuldade, agarrando-me aqui e alli, vêr-me sem voz e sem forças!

E assim era. Felizmente, Rosa pertencia já a este tempo a uma Sociedade, que o auxiliou no seu tratamento com tudo que póde proporcionar as sollicitas e bem dirigidas forças da associação. Nesta época já a companhia da Rua dos Condes se havia separado de Emilio Doux, assim como da empresa do sr. conde de Farrobo, e, convertida em sociedade, tinha passado para o novo theatro que o governo mandara edificar no Rocio (hoje Praça de D. Pedro). Rosa era societario, e, como tal, a sociedade devia-lhe os disvellos que se devem sempre a todo o homem que estraga a saude e se arrisca até a perder o seu futuro no serviço commum.

Por conselho dos medicos, o angustiado actor resolveu-se a partir para os Pyreneos, afim de fazer uso das aguas mine-raes de Cauterets, que tão affamadas são. Rosa decidiu-se a partir. Dava-se isto exactamente quando rebentava a revolu-

ção de 1846. E note-se, que para não ser desmentido nenhum accidente da vida do nosso artista, do character simultaneamente serio e faceto que apresentam quasi todos os seus episodios, até mesmo nestas circumstancias este destino o não deixou, apesar da época ser solemne, porque a abalavam as convulsões politicas, e do estado de Rosa ser lastimavel, porque era o de um doente, apenas alentado de ligeiras esperanças, que ia procurar o seu ultimo lenitivo. Pois mesmo nesta grave situação a musa da comedia, que tão bellos momentos lhe havia de inspirar depois, o não deixou. Rosa saiu de Lisboa, e levou a revolução atraz de si: elle pelo menos assim o affirma, e os factos comprovam-no. Mal chegava a uma terra, á revolução rebentava immediatamente; como se elle fôra o Pedro Eremita das doutrinas da pujante donzelona do Minho, que a superstição politica appellidara *Maria da Fonte*. O certo é que Rosa, ao revez de Attila, que onde o seu cavallo punha os pés, no veloz e devastador galope do seu arrojo conquistador, esterilizava tudo, o nosso actor, montado n'um animalejo de menos audazes proporções, pois que era um pacifico jumento, parece que fertilizava os animos de quantos encontrava com os principios democraticos d'aquella insurreição popular, porque só assim se explica a coincidencia seguida das terras se alarmarem e aclamarem o governo provisorio do Porto, tanto que o viam. Se não fosse conhecê-lo bem de perto, jurara que toda a sua molestia e ida a Hespanha, não fôra senão uma traça insidiosa, com o fim determinado de revoltar o reino.

A ida aos Pyreneos foi um grande bem para Rosa. Não só o curou do seu mal physico, mas contribuiu para haver uma mudança apreciavel no seu ideal. Os soffrimentos a que se tinha visto obrigado em tão longa e dolorosa doença já em parte lhe ataram os impetos de arrebatamento e exaggeração, que, aliás naturaes no seu character, mais se desenvolveram com o genero dramatico, que até então cultivara. Com os padecimentos veio a reflexão, e com a vista magestosa dos aspectos solemníssimos da cordilheira dos Pyrineos, engrandeceu-se a phantasia ao artista. No cimo d'aquellas montanhas, que vestem o nevado manto dos seculos, Rosa erguia a cabeça, e via-se como perdido ousepaço, tendo a seus pés os homens. Superior

a elle não havia senão Deus e o firmamento. Lá em baixo enroscavam-se as nuvens no fundo dos vales, como enormes serpentes alvacentas, que o silencio eterno d'aquellas solidões deixava dormir perpetuamente. Longe, surdindo mal distinctos d'entre o espesso veu de neblina, que naquellas regiões embacia sempre os ares, desenhavam-se enormes penhascos, a que a neve dava fórmulas phantasticas e temerosas. Uns, aciculados de gelo, affiguravam que um immenso turbante os tocava; outros erguiam-se a prumo, parecendo embuçar-se n'um amplo manto talar: ao largo alevantava outro arrojadas escarpas, d'onde pendia em flocos a neve, como se fossem os braços do genio d'aquella solidão, que se erguessem supplicantes envoltos em alvas roupas. Olhando-os do alto parece que todos estes enormes penedos são gigantes de dimensões assustadoras, que, silenciosos e immoveis, aguardam a voz do Eterno, para deixarem a sua postura humilde e constrangida. É frente a frente com estes grandiosos quadros da natureza, que se adivinha a lucta tremenda do grande cataclysmo, que enguliu o mundo. Dir-se-ha, que os genios das gerações que passaram, erram por alli, em fórmulas vagas, assombrosas, estranhas, apresentando a imagem do cahos. É uma vista tremenda, que eleva o espirito pela sua solemnidade severa, pela magestade da sua tristeza, como todas as grandiosas scenas da natureza primitiva.

Estas impressões concorreram mui directamente para modificar a indole artistica de Rosa. As idéas exageradas da litteratura ultra, que, combinadas com a irascibilidade do seu character, o haviam induzido a collorir de tintas sinistras e carregadas a maxima parte dos personagens que tentara reproduzir, com estas viagens desvaneceram-se; e a phantasia, enriquecida com os deslumbramentos que as perspectivas da natureza lhe haviam posto diante dos olhos, actuou em todas as creações que d'ahi ávante apresentou na scena. Mais ao diante entraremos nesta analyse.

Foi nos Pyreneos que Rosa encontrou pela primeira vez Constantino, o rei das flores, e madame Nilo, celebrada cantora portugueza, que os nossos philarmonicos lembram ainda com saudade e que tantos applausos tem obtido em França.

Em Cauterets, como em Bade, reúnem-se todos os annos multidões de estrangeiros. Chega ás vezes o numero a doze mil. A visita dos Pyreneos, o uso das suas aguas thermaes, e todos os encantos de uma viagem atravez d'aquellas montanhas de tão audacioso e phantastico aspectto, chamam alli uma concorrência infinita, em que os concertos e outras mil distrações da existencia apparecem, como se para aquelle ponto se houveram transferido todos os passatempos das capitaes. Madame Nilo dava justamente alguns concertos em Cauterets, quando Rosa ahi chegou, o que lhe proporcionou o conhecimento e a estima da illustre cantora.

O nosso Constantino, o nosso magico phantasiador do reino de Flora, já a este tempo padecia todos os horriveis tormentos, que tanto tem enfranquecido aquella saude preciosa. Mas não era a idéa das suas melhoras que o levava aos Pyreneos: o que ahi levava unicamente o grande florista fôra o pensamento artista que tem absorvido e consumido toda a sua vida. Constantino ia estudar aos Pyreneos a diversidade das flores silvestres que tão opulentas e variadas brotam por aquellas escarpas e penhascos. Ainda beni não rompia a manhã, já quatro homens o levavam n'uma cadeirinha pelas tortuosas veredas que se aprumam e collêam pelos desfiladeiros, que vão de Cauterets aos pontos mais elevados d'aquellas montanhas.

Rosa estreitou intimas relações com Constantino, e esta espontanea e mutua amizade explica-se pela analogia que existe no caracter dos dois artistas, e em muitas circumstancias da sua vida até. A um e ao outro accende-os e consome-os um profundo e vivo sentimento da arte: e o tymbre de verem ligados ao nome portuguez os resultados dos seus estudos e trabalhos é de certo um dos elevados fins de suas ambições, e talvez a mais distincta feição do seu character. Com a differença, que Constantino tem tido os panoramas magestosos dos Alpes, as riquezas vegetaes dos Pyrinneos, as inflorescencias luxuosas do Vesuvio, para contemplar, enriquecendo no estudo de tantos portentos da natureza as fontes da sua imaginação. E depois tem tido ainda mais: tem tido Paris, a França, a Europa por theatro dos seus prodigios, por mercado dos seus artefactos e por admiradores dos seus esforços. Em quanto que

Rosa, sem modêlos, sem institutos especiaes de ensino, sem estímulo, sem guias, nem conselho, tem caminhado, só e muitas vezes invectivado, por essa escabrosa e escorregadia montanha acima, como elle com tanta propriedade chamou aos difficeis caminhos da arte.

Quando Constantino esteve ultimamente em Lisboa, foi Rosa que lembrou e promoveu o jantar que se lhe deu, onde se vieram reunidas algumas das nossas principaes glorias nacionaes contemporaneas. Por essa occasião, o actor lembrou-se de que era pintor, e fez o retrato do seu amigo, que foi offerecido com applauso a todos os convivas. Nesse retrato está symbolisado um pacto que nos ennobrece, porque é a homenagem que presta o artista que hoje engrandece a scena portugueza ao artista victoriado em todas as capitães do mundo elegante.

Rosa deixou com saudade os Pyreneos. Chegado a Lisboa, tratou de se apresentar em scena, porque as suas melhoras, com quanto não fossem completas, permittiam-lhe já algum esforço. Os seus companheiros, porém, oppunham-se, de certo receiosos de que se lhe aggravasse o padecimento. Por fim Rosa venceu, e conseguiu recitar a poesia *Camões*, do sr. Luiz Augusto Palmeirim, que foi mui festejada, merecendo que jornaes distinctos notassem, com cordialidade e elogio, os progressos do actor.

Rosa proseguiu depois nos seus trabalhos. É d'este tempo que devemos começar o seu verdadeiro repertorio. Até ahi a inconsistencia dos estudos do artista, e o genero falso que era obrigado a reproduzir, falsiavam-lhe a vocação, obrigando-o ao excesso, porque infelizmente era o excesso que encontrava applauso nas platéas. Mas a datar d'esta época, a intelligencia, amadurecida pela meditação do artista, encaminhada e fecundada com as regras que um estudo constante lhe tinham pouco a pouco discriminado, foi superior a estes ephemeros triumphos de um publico que procura só no theatro o incentivo das sensações. Rosa entendeu que devia ser artista, e que o verdadeiro actor seria o homem que conseguisse interpretar com naturalidade um character, sem lhe reproduzir os traços que repugnam á arte, por serem o attributo repugnante das disformidades humanas. Victor Hugo quer o disforme no theatro, co-

mo elemento necessario para os contrastes, para as grandes antitheses da existencia real e moral. É na verdade d'estas feições diversas que subsiste o drama. Mas Victor Hugo quer o *bello terrivel*, estranha alliança, que parece excluir toda a intimidade. E não é assim. O grande poeta quer o disforme, mas não quer o repugnante. Triboulet e Lucrecia Borgia são duas grandes disformidades, porque são a disformidade moral, e a disformidade physica; mas a disformidade moral, em Lucrecia Borgia, é purificada pelo amor maternal; e a disformidade physica, em Triboulet, santifica-a o amor de pae. O ideal envolve sempre d'um attractivo estas creações monstruosas. São estas as leis da scena, porque são estas as regras da arte. Ora foi isto que percebeu Rosa, e que provou d'ahi em diante, a custo de muitas lucubrações, nos diversos papeis que nos apresentou. O velho pae de Jenny, no drama d'este nome; Lombard, no *Operario*, e o conde Herman são já creações de estudo, em que as faculdades da interpretação reproduzem com eloquencia e verdade os traços caracteristicos de todos estes personagens, sem os aproximar dos defeitos ou vicios da humanidade, no que ella tenha de mais repulsivo, brutal e asqueroso. O conde Herman, sobre todos, era um papel de profunda analyse, por que se lhe podia chamar a anatomia de um coração, ao qual a vehemencia da paixão que o consome, nos trances de uma lucta sem lenitivo, o alimentava por outro lado com a intensidade do fogo dessa paixão, triplicado combate em que a existencia se entretem apenas das proprias chammas que a devoram. Era uma especie de personagem creado pela imaginação allemã, mistura de paixão e ideal, como o Obermann, como o Fausto, como o Werther, como quasi todas essas personificações dos excessos do amor a braços com o fastio da vida, que as melhores pennas d'Além do Rheno teem deixado gravadas, com letras de fogo, na nossa imaginação juvenil.

O personagem de Tito, na *Prophecia*, apresenta outra phase, e das mais expressivas do talento de Rosa. Não é pela importancia do papel, porque Tito, no drama de D. José d'Almada, é apenas uma figura, a que os francezes chamam *grande utilité*. Mas o estylo largo que Rosa adoptou para a reproduzir, tão de accôrdo com as tradições da estatuaria e da tra-

gedia, que devem presidir ao esboço d'estes bustos notaveis da historia antiga, revelou-o iniciado já nos segredos da arte, o que lhe grangeou os elogios dos entendidos.

Mas a *Prophelia* foi para elle um triumpho, não por tão pequeno desempenho, mas pelos conhecimentos archeologicos e gosto artistico que mostrou, dirigindo todo o riquissimo aparato de tão complicada e universal composição, que envolvia nada menos do que as duas mais ostentosas e fulgurantes civilisações do mundo, a romana e a hebreia. As tradições esplenderosas de Salomão, e os requintes de luxo, que as artes da Grecia haviam trazido aos reinados de Tiberio e Augusto, tudo appareceu neste grande quadro, que inquietou a capital e as provincias, assentando-as promiscuamente no theatro de D. Maria II.

Houve por esta occasião até estrangeiros que pediram para ir ao palco do theatro de D. Maria II, desejosos de examinar de perto a riqueza dos tecidos e lavores, perfeição de trabalho e rigor historico dos trajos, ornatos e adereços, pois nunca se viram tão primorosos e adequados, nem mesmo na Grande-Opera, quando alli foi com afamada magnificencia o *Propheta* de Meyerbeer. As vestes das primeiras partes eram todas de brocado de subido preço, e recamadas de bordaduras finas. É incrivel a paciencia com que Rosa, desauxiliado de obras completas que o elucidassem no vasto complexo d'este trabalho, é incrivel a paciencia com que elle inqueriu o que havia escripto e publicado a este respeito: o elucidario de Ducange, as antiguidades de Montfaucon, os trabalhos sobre os gregos de Horacio Vernet, as copias das escavações das ruinas de Pompeia e Herculano de Ary Scheffer, tudo isto foi aprofundado e esquadrinhado pelo consciencioso artista. E não ficou aqui só; pois era elle proprio quem depois desenhava, e modulava até, inspeccionando com incansavel e incessante zelo os varios e infinitos componentes d'esta babel, que reuniu em scena todos os distantes e diversissimos povos da dominação romana.

Os srs. Rambois e Cinati, os intelligentes scenographos de S. Carlos, hoje reputados os primeiros da Europa, e competetissimos juizes para julgarem da valia de todas estas materias pelo que tem visto e sabem, communicado pelo seu aturado

estudo, não se cansaram de encarecer o subido apreço em que devia de ser tido tão esmerado trabalho.

E não admira que Rosa nos saísse um tão notavel sabedor dos monumentos da arte architectonica, archeologica e ethnographica, porque a pintura, com todas estas ramificações, jámais lhe tinha saído das suas tendencias. E é d'este complexo de estudos, embora mal dirigidos, embora debatendo-se até uns com os outros, estudos mais filhos da contemplação dos bons modêlos que o artista viu no Escorial, no Louvre e no Luxembourg, e da concentração reflectida do seu espirito, do que da digestão regular dos preceitos severos e methodicos de uma applicação escolar; é d'este complexo de estudos, repito, que tem provindo em todo o tempo ao actor Rosa as suas forças para crear os variados personagens de que se compõe já hoje o seu magnifico repertorio.

E esta inclinação, para a pintura especialmente, ainda agora é uma idéa dominante no artista. Affirma até, que se a sorte o não contrariasse, o que haveria sido de verdadeira e completa vocação, era um pintor. E o seu viver tem sido sempre com pintores e estatuarios. Ainda hoje quem o quizer encontrar, a não ser nas obrigações do theatro, é na Academia das Bellas-Artes, nos quartos de estudo de Metrass, Sousa e Annunciação, todos seus afeiçoados e admiradores.

E esta estreita amizade com os jovens lentes da Academia data de muitos annos. Ainda elles eram apenas simples alumnos, em 1845, e já Rosa era um seu companheiro inseparavel em todas as dissertações e folias academicas. O cenaculo onde se reuniam então todos estes protegidos, mais ou menos predilectos, das differentes filhas de Apollo, era no cimo da calçada do Arroz, no predio que faz esquina para a rua do Cotovello. Nenhum dos nomes d'estas duas ruas tinha nada de inspirador; no entanto mal se diria que a dois passos do rodar constante e ruidoso das carroagens, trens, e omnibus que giram incessantemente pela rua do Arsenal, se depararia, no terceiro andar da propriedade que indicámos, com esta colonia de artistas! Para esta casa subia-se (e sobe-se, por que ella ainda lá está, e recommendada depois por tradições de outra especie) por uma esguia e impinada escada. Quem, n'uma

d'estas boas horas em que o genio das artes, sempre tão folgazão e leviano no centro das suas mais serias e geradoras preocupações; quem n'uma d'estas horas galgasse, quatro a quatro, os degrãos d'esta famosa escada, e, movido pela senzala de motejos e risadas que ia lá dentro, espreitasse pelo buraco da fechadura e visse uns seis ou oito mancebos de longos cabellos á *saint-simonienn*e, de rosto descorado, olhos fulgurantes, uns até em mangas de camisa, outros envolvidos n'um trage inqualificavel, havia de persuadir-se que naquelle predio se reuniam de certo os conjurados, que tramavam a mais radical e tremenda de todas as revoluções. E tratar-se-ia de tudo, menos de politica, d'essa matrona devassa, de que as artes se arredam como de um cordão sanitario. Tratava-se alli das formosas cabeças de Raphael, dos segredos prodigiosos do collorido de Ticiano, dos escorsos admiraveis de Miguel Angelo. A architectura, a esculptura e a pintura, estas filhas dilectas da imaginação e dos sentidos, eram os sós themas das disputas d'estes mancebos, cuja imaginação voava ainda, com as fulgurantes azas que os poucos annos vão buscar ás illusões da vida, pelos horisontes sem fim da arte. Eram elles nada menos do que Thomaz José d'Annunciação, Francisco Augusto Metrass, João Pedro Monteiro e Joaquim Pedro de Sousa, isto é o futuro da nossa Academia, e as esperanças das artes de desenho em Portugal.

Era uma scena digna do pincel de Hogarth vêl-os nas suas dissertações sobre o valor de um quadro ou qualificação de uma escola, debate espinhoso em que o nosso João Anastacio Rosa tomava a palavra com aquelle sobrececho grave e mysterioso que todos nós lhe conhecemos, para se embrenhar n'uma analyse, em que acabava por se sumir aos olhos absortos dos profanos nas cousas da arte pelos mais densos nevoeiros da metaphysica e da esthetica. « Você entende? » Em Rosa dizendo isto, era despedir da questão, porque tinha voado com ella para longe de todas as comprehensões.

E com-tudo Rosa vê bem um quadro. Poucos, como elle, possuem o sexto sentido, o fino e delicado tacto do artista. Tenho ouvido dizer a mais de um dos nossos pintores notaveis que desejam vê-lo junto a si, quando combinam as diversas

disposições de harmonia de qualquer composição. Verdade é que d'esta confiança que inspiram os seus dotes inquestionaveis, resulta ás vezes um grande perigo; porque Rosa tanto aconselha, tanto altera aqui, alli gradúa, acolá afina, mais longe corta, cá ao perto accrescenta, que porfim o pobre do pintor seu amigo conclue raspando o quadro e recomeçando a obra. Mas nunca é infructuosa esta tarefa. Se não se aproveita logo, colhe-se depois o fructo, com a digestão das theorias que antes se esponderam.

Por este tempo houve uma função artistica, em que Rosa figurou não só como o amigo e companheiro inseparavel d'estes bellos talentos, que todos os dias robusteciam, mas em que figurou por um vaticinio, que todo se cumpriu depois. Temos portanto o nosso amigo desmentindo até o adagio, de que ninguém é propheta na sua terra, porque elle foi-o. O caso passou-se assim:

Preparava-se para ir a París Joaquim Pedro de Sousa, afim de estudar nos modellos e conselhos dos mestres, o que aquelle emporio moderno das artes pôde sempre proporcionar a todo o engenho applicado. Os seus condiscipulos quizeram memorar a partida com uma ceia. Reuniram-se todos no celebrado *atelier* e deu-se a ceia. Não sei se o Isidro, o Matta ou o José Manuel foram convocados pelos moços artistas para ostentarem n'este festim, a que a arte e a amisade presidiam abraçadas em fraternal amplexo, as succulentas theorias da sciencia das *maioneses* e dos *purés* de ervilhas. O que sei é, que o espirito folgasão reinou festivo, e que os brindes não faltaram ao joven artista que ia deixar os seus amigos. N'este momento solemne, Rosa levanta-se e annuncia um *spiche*. A proposta ía provocar a gargalhada geral, quando os olhos, fitando-se n'elle, levaram o respeito aos animos turbulentos. O aspecto de Rosa era grave. De copo em punho e cabellos arripiados, dir-se-hia um dos tyrannos de Crebillon, dispondo-se a propinar veneno a uma das suas victimas. Mas nem Rosa n'esta occasião desferia do olhar essa luz avermelhada, que a mais cruel malevolencia poderia attribuir a alguma das naturaes influencias da ceia, porque era uma luz que vislumbrava o que quer que era de sibyllino.

Todos se callaram e esperaram pelo *spiche*. Rosa começou agourando largos futuros ao viajante, e por fim concluiu prognosticando-lhe, a elle e aos outros condiscipulos, os seus destinos nas artes:—Tu serás gravador, e Joaquim Pedro de Sousa foi gravador.¹ Tu serás pintor historico, e Francisco Augusto Metrass foi um digno successor de Sequeira.² Tu serás paizagista, e Thomaz José de Annuniação encheu a galeria de Sua Magestade o Sr. D. Fernando, e os salões mais artisticos da capital de magnificos quadros de paizagem e de genero.³

Talvez o leitor não acredite na verdade d'esta scena, que se lhe affigura uma especie de sessão de *buena-dixa*, e julgue que aponto este caso, como quem procura um effeito para quebrar a inevitavel monotonia de qualquer narrativa. Mas se assim pensa, engana-se: ahi estão vivos os vaticinados, e elles que o testemunhem, assim como os outros mancebos artistas que concorreram á ceia.

Mas já nem todos existem! Quatorze annos bastaram para arrebatár aos encantos da mocidade e aos destinos da arte algumas d'estas existencias, que promettiam tanto! João Pedro Monteiro, o talentoso lente de desenho na Escola Polytechnica, foi roubado aos seus amigos por uma pthysica fatal, assim como o joven Gerard, filho do distincto gravador francez que ha tantos annos reside n'esta capital, e que já o adoptou como seu natural, pela estima que todos nós lhe consagramos.

Este episodio todo mostra-nos principalmente o quanto o actor Rosa propendia para tudo que fosse artista, e que o estudo da pintura não havia sido descurado por elle. E foi em todo o tempó com este estudo que se auxiliou o seu talento para reproduzir, com a correcção que tanto o distingue hoje, as creações de que tem ido pouco a pouco enriquecendo a vasta galeria do seu reportorio. O que via no theatro não lhe bastava para as suas conscienciosas ambições de artista: o Conservatorio, que fôra instituido para alimentar o sentimento da

¹ É hoje o lente de gravura na Academia, e o talentoso artista a quem devemos o aprimorado retrato do nosso actor, que se vê na frente d'esta biographia.

² É tambem actualmente o lente substituto da cadeira de pintura historica.

³ Está regendo a cadeira de paizagem.

arte e educar artistas, nada fazia, porque não tinha mestres, nem se tratava d'isso. Sem modellos e sem a parte theorica, Rosa tinha de recorrer a si unicamente. O trabalho de applicação era duplicado, porque differente é o engenho caminhar pela estrada plana das regras, levado pela mão do homem de saber e experiencia, que lhe vae apontando os perigos e indicando e explicando as bellezas, do que metter-se, cego e desnorteado, pelos escuros e enlabyrintados segredos da arte, sem um facho que o allumie, senão a sua natural perspicacia, nem braço valedor que o soccorra e levante, caso que o animo soçobre nos combates e difficuldades em que muitas vezes a imaginação se engolpha e desvaira. Rosa suppriu todos estes auxilios com a principal condição do seu talento: com a reflexão; porque Rosa é primeiro que tudo um artista de reflexão e estudo. Ignorava as leis que completam o actor; mas adivinhara, por uma grande força de instincto, e pelo estudo e contemplação dos quadros dos grandes mestres que viu nas galerias de Hespanha e França, as regras que determinam a harmonia e magestosa elevação da estatuaría, assim como os principios que presidiram aos portentos de expressão ideal e nobresa de attitude que os pinccis de Miguel Angelo, de Rubens e Ribera immortalisaram na tella; e d'esta sorte, por analogia, aproximando os generos que lhe pareciam identicos ou relativos, foi compondo as suas figuras, e dando-lhes a nobresa e naturalidade, que sobretudo tanto se casam e sobresaem em quasi todos os personagens que o temos visto interpretar e traduzir na scena.

N'uma particularidade se torna elle grande, e de certo unico entre nós: é na caracterisação. Os seus elevados instinctos artisticos revelam-se n'isto principalmente. Ninguém, como elle, dá mais magestade a uma cabeça. Que bella, que nobre e veneranda fronte não é a do Romeiro do *Frei Luiz de Sousa*! Como a magestosa sèrenidade de uma grande alma irradia d'aquelle semblante, que as pesadas tormentas da vida não teem conseguido amesquinhar! E que radiante de genio e de jovialidade se não apresenta essa outra fronte calva do velho comediante portuguez, do patriarcha da comedia da Peninsula, de Gil Vicente! São tudo modellos que provam

bem quanto Rosa viu e reteve na memoria as bellas formas das cabeças de Urbino e de Ribeira. Cónsegue não poucas vezes reunir a meditação de umas e o ideal das outras.

Comtudo, os desejos do artista não estavam satisfeitos: queria elle certificar-se, por seus proprios olhos, de que o caminho que seguia não era errado, e isto só o poderia conseguir vendo o que havia de melhor, creado pelo talento, pelas tradições da arte e pelo incentivo dos applausos de um publico illustrado. Rosa tinha necessidade de ir a Paris, observar esses actores consagrados pela fama, e corrigir ou auctorisar no que lhes visse fazer o que o estudo e a pratica da scena já lhe tinham revelado.

Uma circumstancia veio favorecer tão louvavel desejo, porque a este tempo já o theatro de D. Maria estava debaixo da direcção do governo. O ministro do reino, que era então¹ o illustre estadista Rodrigo da Fonseca Magalhães, alta intelligencia capaz de apreciar bem e proteger uma exigencia d'esta ordem, determinou que Rosa fosse effectivamente a França á custa do governo, baixando uma portaria que lhe dava tres mezes para esse fim. Rosa partiu, seguindo por Hespanha. Passando por Madrid, visitou o *Museu del Rey*. Em 1846, quando foi aos Pyreneos, já Rosa tinha visitado este magnifico museu, mas então os seus padecimentos não lhe deixaram gosar todas as maravilhas, que o immenso poder e selecto gosto dos monarchas das Hespanhas tinham conseguido reunir n'aquelle vasto e sombrio palacio. Rosa ficou encantado com os quadros, de todos os mestres e de todas as escolas, que alli viu: e ainda hoje falla com enthusiasmo d'esses primores de arte.

Aqui testemunho eu o meu reconhecimento á imprensa hespanhola pela maneira gentilissima porque festejou a passagem do artista forasteiro por aquella capital, porque, nos louvores dados ao actor portuguez, ha um quinhão que me pertence, como a todos os admiradores do seu bello talento.

No fim de alguns dias chegou Rosa a Paris. Rosa não levava recommendações, nem tinha relações n'aquelle capital.

¹ Isto passava-se em 1836, que foi quando o actor Rosa partiu para Paris. O governo haviu tomado conta do theatro em 1833.

O unico conhecimento que alli tinha era mr. Fournier, que havia sido consul em Lisboa, no tempo da republica de 1848. Foi este que lhe proporcionou a relação do actor Mirecourt, já hoje velho, mas considerado pelos seus talentos por todos os seus companheiros do Theatro Francez. Por intervenção de mr. Mirecourt conseguiu, pois, Rosa ser apresentado aos principaes representantes da scena franceza no seu esplendido *foyer*. É incrível descrever a hombridade e sobranceria com que os actores d'aquelle theatro receberam Rosa. Dir-se-ia que representavam com elle a comedia do *Pião Fidalgo*, tal era o desdém que uma affectada polidez não pôde disfarçar. O primeiro desejo de Rosa foi sahir immediatamente, mas o actor Mirecourt, que o havia apresentado, esforçou-se por atenuar esta má impressão. Rosa, não querendo desfeitear o artista que tão bem o havia acolhido, deu em olhar para a magnifica collecção de quadros que se vêm suspensos nas paredes do *foyer*. Entre esta collecção, em que figuram os retratos de Corneille, Racine e Molière a par dos retratos de Mars, Talma e Rachel, deparou Rosa com um magnifico quadro, em que o pintor retratava, n'um grupo e em diversos *costumes*, alguns dos mais distinctos talentos, que teem brilhado na scena franceza. Rosa não pôde ver um quadro sem dizer a sua opinião, e percorrer em larga analyse: foi o que fez. Composição, correcção de desenho, distribuição de luz, vigor de collorido, firmeza e arrojado de toque, todo este complexo dos segredos e primores da arte foram discutidos, e ouvidos com especial attenção pelo seu introductor Mirecourt, que muito se maravilhou de o ver explanar tão proficientemente na apreciação d'aquella pintura.

O quadro era de Jeffroy, actor sarcastico, mas de inquestionavel talento comico que se achava presente no *foyer*, e que ouvindo que se discorria ácerca da sua obra, se tinha aproximado. Rosa, não sabia quem era o auctor, e por isso lhe notou com igual desassombro as bellasas e os defeitos. O sobresalto, porém, foi grande quando elle se lhe apresentou como auctor do quadro, agradecendo-lhe a sua apreciação e elogiando-lhe os conhecimentos. D'isto seguiu-se, que Rosa foi tido por Jeffroy de uma maneira mui diversa, que não o havia sido até alli pelos outros actores.

No dia seguinte, Rosa apresentou-se em casa de mr. Mirecourt, e manifestou-lhe claramente o seu desagrado a respeito da maneira pouco civil e hospitaleira porque o haviam recebido. E Rosa tinha motivos para o seu resentimento, porque, se ha artista que acolha com affabilidade e dedicação todo o homem que se apresente debaixo da invocação da arte, é o actor Rosa. Ainda me lembra dos immensos sacrificios que elle fez, afim de proporcionar um beneficio ao actor Dumesnil. Este artista, sem saude e quasi sem a luz da razão, jazia n'um quarto do hospital de S. José, pago a expensas de uma subscrição, quasi toda saida do bolso portuguez. Todas as difficuldades se moveram contra o beneficio, que se desejava dar em seu favor. Era tal a má sina que influia na sorte do pobre comediante francez, que nem achavam quem affixasse os cartazes nas esquinas na vespera do dia designado. Procurou-se; fez Rosa todos os esforços; e nem um gaiato apparecia proprio para esta tarefa. Pois Rosa estava já a ponto de alugar uma sege, e de se munir dos cartazes e da respectiva panella de massa com o seu pincel, afim de ir por essa Lisboa fóra pregando cartazes nas esquinas, quando lhe appareceu afinal um moço, que se incumbiu d'este trabalho.

Seria na verdade curioso vêr Rosa de sege, saltando do postigo, de panella e pincel na mão, para pregar os cartazes do beneficio do seu protegido Dumesnil!

Neste rasgo vê-se a excentricidade de Rosa, mas vê-se egualmente a bondade do seu character e o seu genio valedor. É por isto que o seu resentimento devia de ser profundo, vendo-se desconsiderado dos actores do Theatro Francez, que nem praticavam as leis da hospitalidade, recebendo-o no seu proprio *foyer*. Mr. Mirecourt consolou-o dizendo-lhe, que a affluencia de artistas estrangeiros a Paris era tanta e tão variada, que muitas vezes se duvidava dos seus verdadeiros titulos de merito. Isto era uma desculpa, mas não uma razão.

A maneira affavel porque mr. Mirecourt convidou Rosa para declamar algum trecho do que melhor se recordasse, resolveu-o a recitar-lhe o *Ave Cesar* do sr. Mendes Leal. Mr. Mirecourt e sua esposa, que era tambem uma actriz de bom nome, pouco conheciam a lingua portugueza, mas o vigor da ac-

centuação, a vehemencia, a paixão que accendera o olhar de Rosa, tornara-se de tal influxo para os dois artistas francezes, que foi com os olhos arrasados de agua que acabaram de ouvir a formosa ode patriotica, em que tanto se exalta a morte do malaventurado Carlos Alberto.

Na noite seguinte o recebimento que Rosa teve no Theatro Francez foi mui diverso. D'esta vez apresentou-se o proprio Samson a recebê-lo e a fazer as honras da casa. D'ahi por diante a intimidade que se estabeleceu entre o actor portuguez e o decano e mestre da scena franceza, foi espontanea e não interrompida. Samson convidou Rosa para um jantar na sua casa de Carenton, agradavel vivenda, fóra de Paris. Nesse jantar achavam-se reunidos alguns dos actores do Theatro Francez, e varios escriptores. Duplessys, a celebrada *coquette*, tão estimada e admirada de Samson, tambem ahi se achava. O nosso artista desejando que o podessem avaliar mais cabalmente, havia pedido a mr. Fournier que lhe vertesse para o francez a magnifica scena do *Auto de Gil Vicente*, em que o velho comediante se resente, arrasados os olhos das lagrimas de um paternal e nobre resentimento, dos ciumes malcabidos que sua filha Paula revela, estranhando que o pae chame seus a versos que ella compozera. Todos os frequentadores do nosso theatro conhecem de certo esta admiravel situação que só talentos como os de Garrett sabem imaginar com tanta naturalidade. Rosa deu a traducção em francez a Samson, e principiou a declamar.

Aqui publico o lance a que me refiro d'esta scena, para que melhor se julgue do effeito.

GIL VICENTE.

Oh! Paula, Paula, como me dirás tu aquelles versos da *Providencia!*...

PAULA, seccamente.

Que eu fiz.

GIL VICENTE, resentido.

Que fizeste, não ha duvida, foste tu; quem t'o nega?—Fizeste-los—para gloria de teu pae—que te criou (*com as lagrimas nos olhos*)—que te trouxe ao collo—que te serviu de pae e de mãe... Levou-no-la Deus, tua mãe—e eu fiquei para velar as noites ao pé do teu berço, roendo nas unhas

muita noite de inverno, e fazendo trovas em quanto dormias, acalentando-te quando rabujavas.—Fizeste, Paula, são teus os versos: e eu que em ti puz minhas esperanças, ensinei-te quanto sube, dei-te mestres de tudo. Poucos letrados sabem tanto em Portugal: disso presumes e tens razão: mas eu é que te fiz o que és, minha filha; cuidei que te lembravas mais disso, que dos versos que compunhas...

PAULA, chorando e abraçando o.

Perdoae-me, meu paé; perdoae-me, que não sei ora o que digo. Devanêa-me esta pobre cabeça de tanto padecer e sofrer!...

Foi tal o entusiasmo do actor francez, e de todos os circumstantes que pediram a repetição; e para que nada se perdesse com a ausencia da figura de Paula, o que privava a Rosa de fazer algumas contra-scenas, que mais verdade e realce dão áquelle lance, foi o proprio Samson que se dispoz a figurar de Paula. Os applausos então foram immensos. Desde este dia o actor portuguez ficou tido no conceito que realmente merecia, e Samson ligou com elle cada vez mais uma intimidade, que nada desmentiu até á sua partida para Portugal.

Nesta convivencia com o illustre artista francez, e em visitas ao Louvre e ao Luxembourg passou Rosa os ultimos dias que permaneceu em Paris. Para os seus estudos muito o auxiliou o exame dos preciosos quadros, e de todos os esmeros de arte, que encerram estes vastos repositórios. Mais de uma impressão o tem coadjuvado depois na composição dos seus papeis, o que o espectador intelligente não tem deixado passar sem reparo e applauso.

Com Samson não estudou unicamente Rosa, esclareceu-se. E assim devemos chamar ás explicações que elle obteve do grande mestre acerca das variadas questões de arte que a sua reflexão e conhecimentos praticos da scena lhe suggeriam a todo o momento. Diga-se a verdade: Rosa não viu em Paris, nem no proprio Theatro Francez, unicamente modêlos acabados: viu defeitos de uma escola exagerada; viu más interpretações e dos bons principios da arte; viu enfim a reproducção servil, já encarecida e desfigurada, de muitos papeis creados por actores de nome. No centro do labyrinth d'esta incoherencia

de regras mal interpretadas, mas ao mesmo tempo authorisada, pela pratica de alguns artistas de reputação, e pelo applauso de uma certa ordem do publico, Rosa vacilava: não sabia se era elle que via mal, se effectivamente havia vicio no que se lhe apresentava como irreprehensivel. Expoz as suas duvidas a Samson, e o mestre de Rachel teve a franqueza de confessar, que nem tudo o que lhe davam como obra acabada se auctorisava com essa valia. Foi por essa occasião que Samson escreveu a Rosa a carta que trasladamos, porque não é ella só uma prova de estima e consideração para com um dos nossos mais distinctos actores, senão uma dissertação filha do muito saber e larga experiencia do homem que hoje mais entende d'estas cousas em França. Eis a carta:

« MEU CARO ROSA.

« Tem-me fallado do theatro, como homem que o ama com verdadeiro amor de artista, e que o honra pelo seu talento. « Vejo que desejava que Portugal tivesse um theatro digno de « um paiz regenerado pela liberdade, e que apresenta as mais « bellas recôrdações historicas. Portugal já tem uma epopéa, mas « falta-lhe um Camões dramatico; talvez ainda venha a tê-lo! « Entretanto, o seu governo deve favorecer e animar a traduc- « ção das melhores obras do theatro estrangeiro, para que se « forme na sua lingua um repertorio, em que o talento dos seus « actores possa desenvolver-se. A necessidade de representar « peças novas todos os vinte dias, e de não representar senão « produções novas, é contraria ao progresso do talento. É ne- « cessario representar um papel muitas vezes, e muito tempo, « para o fazer com a maior perfeição. É ensaiando, e julgando « o resultado dos ensaios, e reformando-os, se houver logar, « que se chega á desejada madureza de intelligencia scenica, « e se consegue o aprimorado de execução, que é o alvo de « todo o artista. O senhor sabe isto melhor do que eu. É mis- « ter egualmente que os actores representem por muito tempo « sós, uns com os outros, afim de adquirirem a unidade, que « causa a completa illusão.

« No Theatro Francez ha duas classes que são os pensio- « nistas, ou actores de ensaios, que se contratam annualmente, « e os societarios, que se compoem d'aquelles que se conhecem « ser os melhores d'entre os pensionistas. Os societarios estão « ligados ao theatro por vinte annos, o menos. Apesar d'isto « é evidente a decadencia da arte em França, e seria ainda « maior se não tivessem creado uma escola de declamação; por

«que a provincia não nos fornece individuos para a scena. O
 «seu governo, que tanto se empenha nos progressos da scena,
 «e que é o proprio que administra o theatro nacional, deve
 «crear uma escôla similhante. Para todo o theatro se precisa
 «de actores, e para um theatro real precisa-se de actores de
 «gosto, homens e mulheres distinctos pelas maneiras, e que
 «tenham recebido uma boa educação theatral. Tambem care-
 «cem de formar o publico, para o que é de grande conve-
 «niencia que d'entre as peças traduzidas appareçam obras de
 «gosto puro e severo, peças cuja fabula não seja unicamente
 «o seu merito, e que agradem por outros motivos, que não são
 «o interesse e impressão que excitam, peças de character, em
 «que se desenvolva um pensamento moral ou philosophico, de-
 «baixo de uma fôrma séria, ou alegre.

«Repito; a intervenção da authoridade real é indispensavel
 «para tudo isto. O publico procura geralmente o genero ligei-
 «ro, e futil. O Theatro Francez já teria acabado ha muito, se
 «não fosse o auxilio do governo. Na Inglaterra, onde o governo
 «não entevem nestes negocios, não ha theatro nacional. A
 «arte lá está em maior decadencia que entre nós, apesar de
 «ser o paiz que viu nascer Shakespeare e Garrick. Pôde ser
 «que ainda haja mais cousas a que attender, mas a sua pro-
 «funda intelligencia lh'as lembrará, melhor do que a mim,
 «porque conhece bem a sua arte e o seu paiz. Concluo, por-
 «tanto, dizendo que muito estimo conhecê-lo, e que desejo
 «cordialmente que continuem sempre as mesmas boas rela-
 «ções. Creia que sou

Seu verdadeiro e dedicado amigo

25 de setembro de 1856.

«SAMSON.»

Rosa deixou a final Paris. Foi um sentimento de todos que
 o avaliam não poder apreciar logo o fructo dos seus estudos em
 França. Passou algum tempo sem que o vissemos apparecer
 em scena (e vá a culpa d'isso a quem a merece, que não a
 elle, que para logo empregou todas as diligencias, afim de se
 apresentar e provar que não tinha sido debalde que se dera
 aos incommodos de uma viagem). Por fim appareceu em sce-
 na, mas ainda assim na repetição de um papel, no D. Taddeo
 do *Primo e o Relicario*. Mas foi isto o bastante para os enten-
 didos apreciarem os seus progressos. No genero comico é esta
 uma das mais engraçadas creações do theatro hespanhol: sem-
 pre enredado em chistosos lances que a sua curiosidade com-

plica, e conduz inesperadamente a situações graciosissimas; abelhudo como uma senhora-visinha, fallador como um algarvio, meio cego, mas querendo conhecer todos e vêr tudo, e caindo por isso em equívocos de finissimo sal, D. Taddeo, interpretado pelo actor Rosa, ficou sendo uma das melhores figuras do nosso theatro.

Depois d'isto, Rosa fez e creou uma serie de papeis, que são incontestaveis titulos de gloria para um talento que se consagra á scena. Rosa pôde hoje apresentar um repertorio, que proclama triumphantemente a finura da sua intelligencia, uma observação perspicaz, conhecimento e estudo dos bons modêlos auxiliares das artes theatraes, e principalmente uma flexibilidade de dons de interpretação que estão em feliz accordo com os dotes physicos, que ajustam tão bem com as feições folgasãs e satyricas da comedia, como com os arrebatamentos apaixonados do drama. Diz Diderot que a alma do completo comediante é formada do elemento subtil de que um philosopho enchia o espaço, o qual não é nem frio, nem quente, nem pesado nem leve, que não apparenta nenhuma fórma determinada, senão a disposição para todas, não conservando nenhuma. E effectivamente é esta a analyse psychologica d'estes espiritos, tão faceis em devassar o recondito dos tempos, o intimo dos heroes extinctos, como as paixões e caracteres da actualidade, achando sempre a fórma natural e caracteristica para os traduzir na sua universalidade.

Rosa é uma d'estas organizações privilegiadas. A variedade e valia do seu repertorio provam-no.

Ha modêlos creados por elle em todos os generos. O Alfageme de Santarem, e o papel do duque de Albuquerque no *Rei e duque*, resumem a expressão cavalleirosa do amor enobrecido pela energia de uma alma heroica. D'ahi passamos logo aos personagens de sarcastica e fina satyra, moralistas formados na escola da vida devassa e libertina, da qual se tornam depois os seus mais implacaveis flagelladores, como o Desgegnais das *Mulheres de Marmore*, o cavalheiro Carniole da *Dallila*, e o dr. Athaide do *Cego*.

Apparece-se-nos logo, a par d'estes epigrammas vivos das fraquezas humanas, a figura ideal, verdadeira creação hoffma-

nica, do Maestro Favilla, ente ideal que se concentra e completa nas elevadas espheras das abstracções da arte.

O Romeiro, no *Frei Luiz de Sousa*, pertence a esta familia de personificações que só vivem na phantasia do poeta que as cria. Neste principalmente ha os traços simples da tragedia antiga. A mesma magestade serena que illumina os vultos grandiosos de Homero e de Sophocles.

E que não esqueça a *Mulher que detesta seu marido*, delicado quadro de suave e affectuosa harmonia domestica que os sanguinarios effeitos da mais universal de todas as revoluções vem perturbar. E é este marido... *detestado*, que Rosa nos apresenta, interpretado com a finura com que o traçou uma das unicas pennas que sabem e podem traçar d'estas scenas, porque para exprimir assim as subtilissimas e graciosas transições do amor de mulher para marido, é necessario ser mulher, e essa mulher chamar-se madame Girardin.

Vem após estes a graciosa comitiva de amaveis velhos, que tanto dão que pensar e que rir aos espectadores que apreciam a verdade e chistes dos caracteres comicos, como o folgasão e patriarchal do nosso bom Gil Vicente; e o naturalissimo Noël na *Alegria traz o susto*, esse typo perfeito do creado antigo, resumo de dedicação, desinteresse e solicitude, a que dá maior relevo uma finissima ironia comica.

Surde-nos ainda, como destaque, junto d'estas bellas physionomias, tão sympathicas, e com quem a platêa estreita conhecimento e amizade logo no primeiro relance, o caixeiro José Silvestre, o homem devasso da *Pobreza Envergonhada*, que, perdido o pudor, a indigencia leva a todas as abjecções. Os *Homens de Marmore* offerece-nos um typo em Estevão de Moura, que tem seu parentesco com aquelle, nos pervertidos instinctos. Se este se não abysma em tanta ignominia, é porque os apparatus da sociedade lh'a mascaram; mas o coração é peor, e Rosa fal-o conhecer com todos os traços que indicam bem a indole do namorador cynico.

Mas deixem passar a franca e jocosa figura do nosso amigo Ponselet, o *pobre* marido do *Livro Negro*, porque com elle entra a alegria na platêa; e atraz de si leva a caracteristica e grave figura do sr. commendador dos *Fructos e Flores*, bello

retrato do intrigante de salão; e na cauda de tão estensa e variada comitiva apparece por fim o festejado Marquez de la Seiglière, a mais feliz, acabada e natural creação do nosso actor. Nunca no theatro portuguez se entendeu assim a comedia; a alta e fina cedia, que n'um gesto, n'uma transição, n'um áparte, n'uma apostrophe evidencia a feição ridicula de um personagem ou de uma classe, e a criva das settas da satyra mais temivel, da satyra que por delicada e arguciosa, obriga o mesmo suppliciado a assistir prasenteiro ao proprio martyrio.

Rosa achou um triumpho em cada um d'estes papeis. Todos estão na memoria do publico, como se fossem vistos hontem; e mais de um tem sido o exemplar d'onde não poucos dos nossos actores tem copiado traços, que, mesmo assim dispersos, e já desauxiliados da feliz animação do seu conjuncto, a platéa os applaude neste desculpavel plagario.

N'uma palavra, a historia de scena do nosso actor, e os seus progressos podem dividir-se em tres phases distinctas, que se personificam n'outros tantos papeis que dão a expressão natural dos seus estudos e suas tendencias n'estas diversas épocas. O primeiro é o Antonio Baracho do *Mascara negra*—o vigor da paixão exaltada: o segundo, o conde Herman, organização mais serena, que já se não debate nas luctas tremendas do sentimento que estala todas as fibras da alma, mas que, pelo contrario, padece os tormentos de um amor, que os vãos exagerados do sentimentalismo exacerbam: o terceiro, o Marquez de la Seiglière, a mais completa figura comica que tem produzido o genio da observação satyrica. São tres diplomas de grande actor, e ao mesmo tempo tres triumphos de artista.

No entanto é preciso dizel-o: a indole de Rosa parece ir caminhando para a comedia, para essa comedia agradável, natural e universalmente acceita, mistura de nobres dotes do coração, anuviados apenas por algumas manchas que trazem os ridiculos ou incoherencias do character. Depois que veiu de França entrou mais pronunciadamente nesta phase do seu talento. E eu aconselho-a ao actor, não só como a mais verdadeira, e mais applaudida das platéas, mas como a que, sem violentar o seu natural, menos prejudicará as suas forças physicas, já tão damnificadas pela continuação do estudo.

UC SOUTHERN REGIONAL LIBRARY FACILITY



A 000 081 078 8

GALERIA ARTISTICA

COLLEÇÃO DE BIOGRAPHIAS DOS ACTORES CONTEMPORANEOS

DE

PORTUGAL E BRAZIL

ESCRITAS PELOS SRS.

JOSÉ MARIA D'ANDRADE FERREIRA E JULIO CESAR MACHADO

ILLUSTRADAS PELO SR.

J. P. DE SOUSA

EDITOR

ARISTIDES ABRANCHES

NUMEROS PUBLICADOS

1.º DELPHINA—2.º ISIDORO—3.º ROSA

NO PRELO—4.º SARGEDAS

PREÇO DE CADA BIOGRAPHIA

Por assignatura..... **160** réis
Avulso..... **200** "

Vende-se e assigna-se em Lisboa nas principaes lojas de livros—no Porto em casa do sr. Freitas Fortuna, rua das Flores n.º 250 a 253—e em Coimbra na loja da imprensa da Universidade.

A
CONTEMPORANEOS

EST

AR MACHADO

DES

OS

° ROSA

HIA

... 160 réis
... 200 "

incipaes lojas de
na, rua das Flo-
da imprensa da

GALERIA ARTISTICA
COLLEÇÃO DE BIOGRAPHIAS DOS ACTORES CONTEMPORANEOS
DE
PORTUGAL E BRAZIL

ESCRITAS PELOS SRS.

JOSÉ MARIA D'ANDRADE FERREIRA E JULIO CESAR MACHADO

ILLUSTRADAS PELO SR.

J. P. DE SOUSA

EDITOR

ARISTIDES ABRANCHES

NUMEROS PUBLICADOS

1.º DELPHINA—2.º ISIDORO—3.º ROSA

NO PRELO—4.º SARGEDAS

PREÇO DE CADA BIOGRAPHIA

Por assignatura..... **160** réis
Avulso..... **200** "

Vende-se e assigna-se em Lisboa nas principaes lojas de livros—no Porto em casa do sr. Freitas Fortuna, rua das Flores n.º 250 a 253—e em Coimbra na loja da imprensa da Universidade.